**Monsenhor Casaldáliga – Pedro Liberdade**

Dom Pedro, pastor, poeta, profeta,

Pedro irmão, amigo, defensor

De gente humilde, esquecida,

Como abandonado era o sertão onde ele foi morar

Viver, evangelizar.

E então ser bispo, articulador, semente de resistência.

São Félix do Araguaia nunca mais foi a mesma

Depois que ele chegou!

A carta de uma *Igreja na Amazônia em conflito com o latifúndio*

*E a marginalização* (1971)

Inaugurou um grito, instituiu o que mais tarde

Passaria a se chamar “uma igreja com rosto amazônico”.

Mas foi como uma senha,

Causou furor nos inimigos da gente pequena,

Espantou os governantes, fruto de um golpe militar e

Civil, apoiado pela elite de sempre.

O golpe outro, aquele que durou 21 anos,

Que hoje se repete no novo golpe deste século 21

E já nasce torto, obscuro, violento,

Dominado pelo conluio de forças

Midiáticas, parlamentares, judiciais,

Que agem amparadas na lei higienicamente burlada,

Forçada, quebrada ao sabor dos interesses.

Mas não menos covarde como outrora.

Pedro entre nós resiste, chora, ora, preservando

A mesma verve, embora o corpo sofra e grite.

A lucidez o mantém vivo, alerta, solidário sempre

Com a Amazônia, os povos da floresta,

O papa Francisco, o último Sínodo,

Aquele da ecologia integral

Que uniu num só espírito

A luta da terra e a luta dos pobres.

Pedro sonhou com este conclave maior fazia muito

E o viveu na solidão do sertão do Mato Grosso

Cercado pelo carinho do seu povo e da comunidade.

Teria estado lá com seus irmãos e irmãs

Não fosse a debilidade vivida no limite,

Na fé e na ousadia teimosa de quem aprendeu

– a duras penas – a dizer: Não!

À injustiça, à desigualdade, à violência, ao crime hediondo,

Diante da desfaçatez, ele foi sempre enfático: *Não!*

E pagou um alto preço pela ousadia.

Em seu lugar, pregou a união dos diferentes,

A comunhão dos pequenos, a partilha do pouco,

A vivência da fé na coragem de ser,

A alegria da festa comunitária, a criançada

A correr feliz na beira do grande rio

Que ele conheceu como poucos em suas muitas

Travessias, atento às margens, aos pássaros,

Às tartarugas e aos peixes voadores.

Nunca se furtou à conversa com os canoeiros,

Os peões de fazenda, as moças das vilas,

Os jovens das escolas,

As avós famintas, os lavradores sem terra

Que produziam feijão, macaxeira, banana,

As frutas do quintal.

Essa gente amiga que sempre o abrigou

Nas casas de palha, de barro batido,

Onde havia rede e um café passado na hora.

Por isso mesmo, casa fraterna e mesa repartida.

Pedro teve por báculo o remo tapirapé,

Como anel, o tucum dos povos indígenas,

Por mitra, o chapéu de palha

E por calçado a sandália de borracha.

Escândalo episcopal, profecia encarnada no corpo,

Na mente e no espírito inquieto da

Insurreição do evangelho.

Viveu a colegialidade do ministério com

O clero, as religiosas e o povo das comunidades

Sempre à escuta da sabedoria popular.

Hoje vive sua própria páscoa, travessia,

Na entrega do corpo, da vida, da inteligência,

Da fé, dos sonhos que sonhou

de olhos abertos e espírito apaixonado.

Uma entrega que se mostra símbolo de utopia

E do compromisso maior

Na senda aberta pelo Senhor dos Passos,

O Cristo Jesus de Nazaré e de todos os povos.

Em comunhão com Pedro, seguiremos seu caminho

Na unidade do Espírito da Liberdade.

O Deus de toda paz o cubra de bênção, de amor

De misericórdia e de compaixão.

A alegria do evangelho vencerá,

Ah, vencerá mesmo, Pedro,

Ainda que a maldade pareça infinita.

Vem, Senhor Jesus!

No fim, permanecem a fé, a esperança e o amor.

Mas o maior é e sempre será o Amor!

Pelotas, novembro de 2019.

***Roberto E. Zwetsch***

Pastor luterano